



Bruna Leonardo:

mulher

trans

bruxa_

Edição: Neilton dos Reis e Leandro Leal
Ilustração: Neilton dos Reis
Playlist: Bruna Leonardo
Galeria: arquivos do coletivo
Podcast: Bruna Leonardo
Convida: Roney Polato
Indica: Matheus das Dores
AcadêmicaH: Marina Cápua
Conversa: Juber Pacífico
Aprendi no Coletivo: Guilherme Freire
Entre parênteses: Neilton dos Reis

Na internet

Site: <https://www.revistaduascabecas.org/>

Instagram: @revista_duascabecas

Email: selo.fiosolto@gmail.com

Bruna Leonardo: mulher trans bruxa

SUMÁRIO_

editorial	04
playlist	06
galeria	08
podcast	14
convida	15
indica	18
acadêmicaH	21
conversa	24
aprendi no coletivo	25
entre parênteses	27

editorial

ENTRA NO CARRO OTÁRIO, VAMOS HOMENAGEAR A BRUNA_



Essa é Bruna Leonardo, é a luta em figura de gente, ela parece uma garotinha forte e alegre, mas na verdade ela é muito, muito melhor do que isso.

Bruna Leonardo, como é que eu posso começar a te explicar Bruna Leonardo?

Nesse dia da visibilidade trans, nessa edição a gente vem homenagear Bruna Leonardo, um dos rostos mais importantes do Coletivo Duas Cabeças, dessa revista e das nossas vidas.

Entre amor, militância e alegria, Bruna tem nos ensinado há tempos o sentido do compartilhar afetos, lutas, festas e fortalecer as nossas.

A edição reúne: uma playlist montada pela nossa homenageada e uma fala sua num podcast; uma galeria de fotos suas e do evento Vivências Trans, de 2014; um Convida com texto de Roney Polato; um Indica de Matheus das Dores; Conversa com Juber Pacífico; outro Aprendi no Coletivo com Guilherme Freire; um texto Entre Parênteses de Neilton dos Reis; e o acadêmicaH de Marina Cápua Nunes. Todos textos, imagens, vídeos que celebram Bruna.

Oferecemos com carinho e gratidão por tudo que ela nos ensina todo dia.

Porque Bruna não É Meninas Malvadas, mas é como se fosse nossa abelha rainha.

Bruna Leonardo, como é que eu posso começar a te explicar Bruna Leonardo?

- A Bruna Leonardo é incrível!
- Ela tem um sorriso enorme e uma alegria que contagia.
- O cabelo dela está no seguro por 10 mil dólares.
- Soube que ela faz reportagens, no Tribuna!
- Um dia, ela me beijou no rosto, isso foi irado!

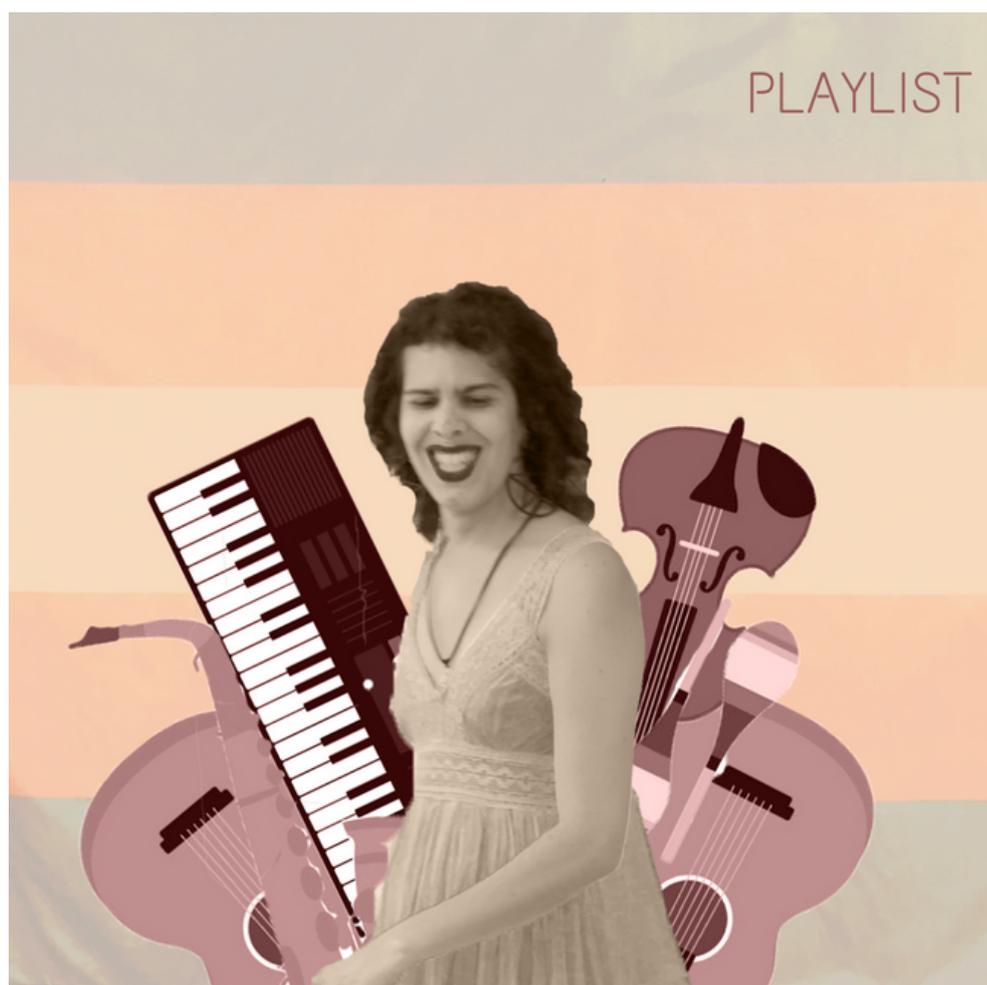
Vem!

texto: neilton dos reis, editor

playlist

BEM VARIADA_

a playlist dessa edição foi montada pela nossa homenageada,
Bruna Leonardo.



- De toda cor – Renato Luciano, Ney Matogrosso
- Diaba – Urias
- Tempo Perdido – Legião Urbana
- Vento no Litoral – Legião Urbana
- Strani Amori – Renato Russo
- Tudo que se quer – Verônica Sabino e Emílio Santiago -
- Uma nova mulher – Simone
- Coração do Agreste – Fafá de Belém
- Não recomendado – Caio Prado
- Clair de Lune – Debussy

Acesse a playlist em:

<https://open.spotify.com/playlist/5pvhXQ0zy9shDzqmGyT3XN?si=O42X-RINRv-XSi5vBDFrgg>

galeria

VIVÊNCIAS TRANS_

na galeria dessa edição você vai poder ver algumas fotos da nossa homenageada em ações do Coletivos e outras militâncias; e do evento Vivências Trans, organizado pelo Coletivo em 11 de dezembro de 2014 e que foi uma das primeiras participações de Bruna Leonardo.





ANFITEATRO DE ESTUDOS SOCIAIS - 11 DE DEZEMBRO - 19H*



COLETIVO DE CABEÇAS



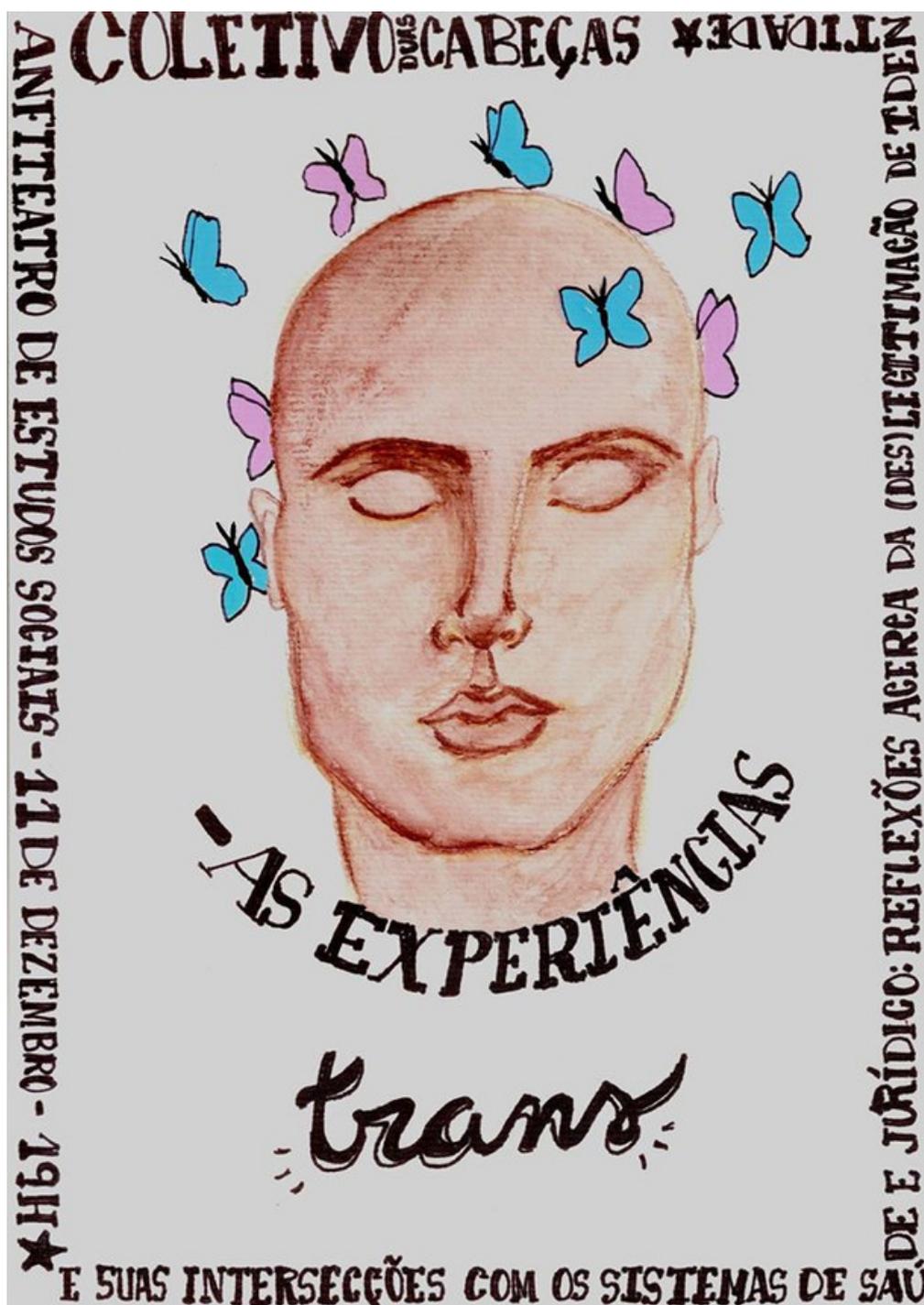
AS EXPERIÊNCIAS
trans

E SUAS INTERSECÇÕES COM OS SISTEMAS DE SAÚDE E JURÍDICO:
REFLEXÕES ACERCA DA (DES)LEGITIMAÇÃO DE IDENTIDADE*









imagens: arquivos do coletivo

ei, curtiu? na página da revista_ **tem muito mais!**

https://www.revistaduasbecas.org/galeria/viv%C3%AAsAncias-trans_

podcast

PIQUENIQUE DO ARCO-ÍRIS_

podcast dessa edição foi gravado por por Bruna Leonardo, nossa homenageada.

É um trecho da conversa com ela no qual ela fala da criação e importância do Piquenique da Diversidade, espaço de afetos inventado por ela.

Ouçã, aproveite!



<https://soundcloud.com/fio-solto/piquenique-do-arco-iris>

convida

RONEY: SOBRE MEUS ENCONTROS COM BRUNA LEONARDO - (R)EXISTÊNCIA COM LUTA, CORAGEM E GENEROSIDADE_

o convida dessa edição é com Roney Polato, Professor Adjunto da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, que conta de seus encontros com Bruna.



Bruna é dessas mulheres ditas ‘guerreiras’, que está sempre disposta para lutar pelos seus direitos e pelos de outras pessoas trans e LGBTI+ de Juiz de Fora/MG. Posso dizer que ela é uma das mais aguerridas militantes da cidade. Foi assim que a conheci e que dela me aproximei, em contextos de luta e de debate. Muitas foram as vezes em que solicitei que Bruna estivesse comigo em ações educativas, em cursos ministrados para docentes da Educação Básica e em disciplinas por mim ministradas na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Sua presença foi e é, sem dúvida, importantíssima para que essas docentes e estudantes de licenciaturas tenham seus saberes deslocados e que novas experiências sejam construídas. Pode ser surpreendente para algumas pessoas que lerão este relato, mas com muita frequência, nesses contextos educativos, Bruna era a primeira pessoa trans com a qual docentes e estudantes tinham contato direto. Isso é significativo para pensar nas exclusões que são fruto de um (c)istema que deslegitima a existência de pessoas trans, em especial nos espaços públicos e nas instituições sociais. No contexto de uma universidade ainda pouco democrática, quando se trata das experiências trans, a presença de Bruna faz a diferença.

Como pessoa trans, Bruna narra suas experiências com disposição e coragem, expondo episódios de luta e os percalços que fazem parte dessa trajetória. Como estou vinculado ao campo da educação, sempre solicitei que Bruna pudesse compartilhar conosco suas experiências com a escola. Destaco uma das falas mais recorrentes em sua narrativa, que é significativa para pensar a relação das pessoas trans com os processos de escolarização (creio que Bruna não se importará que eu conte). Ela nos conta que sempre evitava ingerir água ou qualquer tipo de líquido antes de sair de casa para a escola. Também no espaço escolar, evitava tomar água. Tudo isso porque o receio para com o uso do banheiro era atormentador. O banheiro era (e ainda é) espaço de violências, seja na escola ou em outros espaços públicos de convivência. Um direito básico que é constantemente ferido, negado.

Com Bruna, as/os docentes e estudantes de licenciaturas aprendiam uma dura lição: a escola não é um espaço bom para todas as pessoas, ela pode ser um espaço de muito sofrimento. E que, frequentemente, profissionais da educação estão envolvidas/os com esse sofrimento, ignorando ou compactuando com episódios de violência vividos no contexto escolar, quando poderiam proteger e cuidar. A coragem do relato de Bruna não apenas narra as situações de perseguição e constrangimento pelas quais ela passava numa escola da rede privada de Juiz de Fora, mas caminha em duas outras direções. Primeiro, a denúncia da invisibilidade e do silenciamento históricos que as instituições escolares (salvo raras exceções) vêm impondo às pessoas trans e LGBTI+. Mas, Bruna vai além da denúncia, ela nos convida a pensar em anúncios de uma outra escola, na qual as violências sejam combatidas e os direitos de todas as pessoas sejam garantidos.

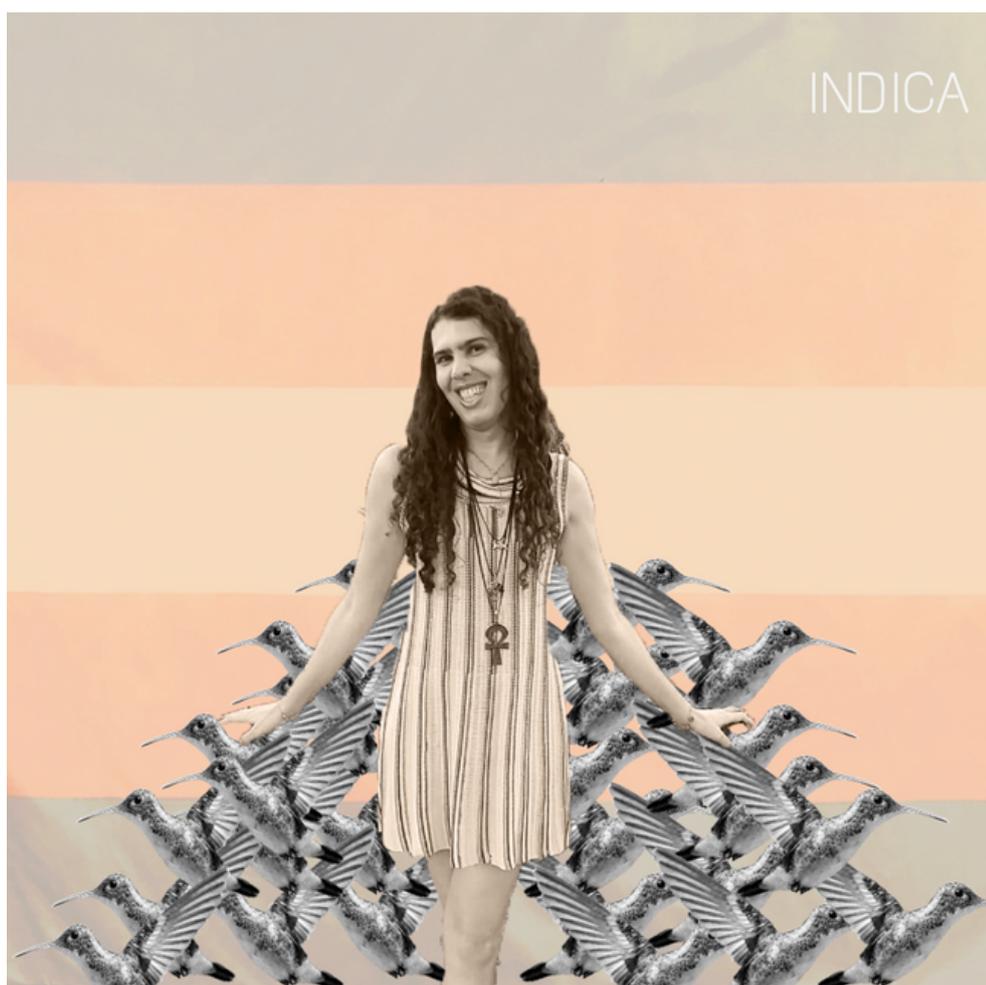
Por esse motivo é que falo em generosidade. Com a presença de Bruna podemos colocar sob suspeita nossos saberes, nossa formação. O que sabemos sobre pessoas trans? De que modos podemos ser afetados por suas (r)existências? O que sabemos sobre gênero? Como o gênero nos normatiza, nos enquadra, nos molda? Como nossa atuação profissional no campo educacional afeta a vida de pessoas trans? Assim, podemos investir numa formação de profissionais da educação que inclua a problematização de nós mesmas/os e as proposições de outros espaços educativos, nos quais todas as pessoas possam aprender-ensinar com menos violências, constrangimentos, discriminações. A generosidade e a disposição de Bruna para a luta e para a partilha de experiências é algo admirável. Agradeço a oportunidade de tê-la conhecido e poder partilhar momentos de tantos aprendizados.

Viva Bruna!

indica

SOBRE AFETOS_

quem indica nessa edição é Matheus das Dores.
uma indicação de afetos, músicas e amizades com Bruna Leonardo.



Na vida da gente, às vezes, passam alguns fios que nos conduzem, e esses fios são tão intensos que não basta conduzir tem que mudar a gente. É tipo um choque elétrico capaz de mudar nosso código genético. E eu acho que é isso mesmo. Mas falar da Bruna só como esse fio condutor é muito injusto com ela. Porque ela é estrela, ta bom? Mas também é gente.

A militância dela me moldou e molda de uma forma que à vezes eu não consigo acompanhar, é uma força tão poderosa de destruição de estruturas e construção de nós que faz a gente ser mais humano, ou talvez mais animal, ressaltando nossa animalidade, e a importância de olhar pro outro como igual. O ser humano tem disso né, gosta de ser melhor em tudo, mas vem pessoas com um poder imenso como a Bruna que transforma isso de uma forma que você muda, é inevitável.

Mas não quero falar só sobre isso, quero falar da Bruna gente, minha amiga palhaça que ama falar bobagens e ri das minhas piadas mais sem graças, daquela que é super amiga e fica do seu lado nos seus momentos mais triste. Naquela pessoa maravilhosa que é super alto astral e faz seu carnaval ser super hiper mega especial. Olha eu amo muito mais essa Bruna, sabia. Aliás eu aprendia amar. Que pessoa meiga e sensível. Que erra também, erra porque é gente, porque tem que errar, porque precisa aprender. Que tem seus probleminhas psicológicos (tamo junto, miga). O meu olhar pra essa Bruna, mudou profundamente quando ela se permitiu viver pra ela. E viver pra ela significa muito quando falamos de pessoas trans. O corpo dela é político, mas ela continua sendo gente e tá liberado se estrepar (que eu já tô com meu paninho aqui pra passar pra você sempre que você precisar); tá liberado sentir dor, cair, se levantar, seguir em frente; tá liberado SER FELIZZZZZ; tá liberado beijar; tá liberado fazer novas amizades, viajar.

Bruna, ver seu desabrochar foi uma das experiências mais gostosas que eu já vivi nessa vida. Eu sempre te falo isso, né. Mas quero te falar uma coisa boba. Eu também desabrochei, eu também comecei a viver naquele exato momento que você me deu a mão e disse "vamos?". Minha barriga também gelou, meu coração pipocou, e eu tremi, e eu fui, me liberei de muita coisa que me fazia, porque você esteve do meu lado e não deixou esmorecer, **VOCÊ ME LEVANTOU VÁRIAS E VÁRIAS VEZES**, lembra? Pois é. Eu prefiro todos os dias essa Bruna. E muitas vezes fiquei com ódio de ter que te dividir com a militância. Mas sei como sua luta é extremamente importante pra você, sei do sentido que ela dá na sua vida. Você é gigante demais pra se preocupar só com você, você é empática demais pra conseguir as coisas só pra você, "se não for pra todas as pessoas eu não quero", é isso que eu acho que deve passar dentro da sua cabeça. Tudo bem eu aceito dividir com seu ativismo tá!

Olha pra você eu desejo amiga nesse dia tão importante, próximo da data do seu renascimento, mais vida, mais trajetória, mais histórias, e mais coragem de ser quem você é! Você é importante pra caramba, pra mim pela sua amizade companheirismo e força (eu sou muito mais feliz tendo você na minha vida), pra sociedade, seguindo seu fio de destruir estruturas engessadas, duras, que parece muitas vezes inquebráveis, e construindo por onde você passa uma sociedade de amor e de empatia. Muito obrigado amiga irmã que amo tanto por você ser quem é e não ter medo disso!

Vou mandar um vídeo porque essa revista se trata de afetos. Tenho pensando muito sobre isso.

O que é afeto? Tem uma antropológa, Favret Saada, que faz uma etnografia falando sobre ser afetado. Como que o campo, introduziu nela um poder de empatia ao ponto que a realidade do outro passou a ser dela, e ela se sentiu afetada.

Não sei da origem do afeto, mais sei algumas coisas sobre isso. Ser afetado.

O vídeo que eu indico é sobre isso.

pra assistir, basta acessar:

https://www.revistaduascabecas.org/indica/sobre-afetos_

acadêmicaH

DUAS VIDAS, UM LIVRO E MUITA BRUXARIA_

quem está no acadêmicaH dessa edição é Marina Cápuia Nunes, que desenvolveu um trabalho de dissertação com Bruna Leonardo, teve sua vida atravessada por esse encontro e agora nos conta disso.



Assim que defendi o mestrado, um amigo questionou-me: Porque não faz de sua dissertação um livro?

Seria de se esperar que buscando a vida acadêmica e renegando minha trajetória de professora de História, de uma vida em torno de meu pai e minha mãe, em minha pequena grande Alegre, poderia eu colher os louros de uma das tarefas que dá sentido à vida: escrever um livro.

Contudo, minha pesquisa de mestrado não dizia sobre mim, e a cada dia que se aproximava o prazo para concluí-la me questionava se era digna de tanta responsabilidade. Enfim, parecia desafiador e promissor. No início, foi tornando-se cada vez mais pesado e solitário o processo de escrita, ainda mais que cabia a mim tornar pública a trajetória de uma militante trans na cidade de Juiz de Fora.

Senti medo de minha pequenez diante da coragem de Bruna Leonardo e da pressão do movimento trans por espaço e voz na academia, e em resposta a esse meu amigo escrevi\disse: “espero que ela mesma escreva seu próprio livro e contribuirei no que for preciso”.

Assim, se eu era pretensiosa e sonhadora antes de conhecer Bruna, ao longo de nossa convivência percebi o quanto eu era ignorante e mesquinha. Sendo clichê: a academia subiu à minha cabeça. Conhecer de perto a trajetória de Bruna me deixava indignada por várias formas de preconceito que ela enfrentava, porém, ao mesmo tempo, a coragem que ela tinha no enfrentamento ao longo dos anos me inspirava e me causava mais responsabilidade.

A primeira vez que a vi foi na II Semana da Diversidade Sexual e de Gênero na UFJF, em fins de 2011. Sempre houve uma grande distância entre mim e ela: eu era a acadêmica de uma universidade pública, com uma bolsa de iniciação científica, com uma expressão de gênero seguindo a cisheteronormatividade; ela desistiu de dar continuidade aos estudos no nível superior em virtude do ambiente hostil que fora as instituições de ensino básico pelas quais passou e estava pela primeira vez saindo de casa com uma roupa emprestada de sua mãe, que considerava feminina e apropriada para o ambiente “formal” da universidade.

De lá para cá, conheci sua saga para inserir-se no processo transexualizador oferecido pelo SUS, sua interpelação à justiça pela retificação de seu nome em seus documentos de registro civil, sua entrada na militância e sua apropriação de identidade. Tudo isso envolveu violência à sua autopercepção em alguns âmbitos do atendimento do SUS, por não respeitarem o seu gênero feminino, chamando-a pelos artigos e pronomes masculinos e questionarem sua feminilidade, requerendo perícias médicas invasivas que usurpavam-na de sua autonomia. Como não bastasse, ela se envolveu em muita exposição e risco à retaliação física por suas posturas diante de manifestações políticas representando o Coletivo Duas Cabeças, as quais ocorreram, inclusive, na Câmara Municipal e diante do Fórum.

Ninguém deveria passar por isso para ter o direito de ser quem se é, não é questão de ser uma heroína, é um processo doloroso. É um legado radical que ela deixa pro mundo marcado em sua pele, ao qual devemos respeito.

Levando a sério este respeito que tenho por ela, o processo de pesquisa que se constituiu também em nossa amizade de grande acolhimento para mim, fez com que eu fosse afetada por sua trajetória que eu transformasse e questionasse minha visão de mundo e me fizesse pensar que definitivamente não sou o suficiente mesmo para tomar o lugar dela no mundo.

Entretanto, aqui no meu lugar de minha posição privilegiada socialmente como mulher cisgênera e acadêmica, eu fui afetada pela potencialidade da vida de Bruna que resultou em um abalado nas estruturas sociais de privilégio e poder. Pois, afinal, Bruna fez uma bruxaria de origem militante ancestral para que eu, uma mulher cisgênera e de uma pequena cidade do interior, tornar-se a etapa de sua vida mais significativa, o mestrado, um registro da trajetória de vida de uma “mulher trans, feminista, militante, guerreira, descendente de índios e com orgulho de ter sangue baiano correndo nas veias”.

Portanto, de toda forma, transformar a dissertação sobre a trajetória de Bruna em livro não será de todo modo um feito exclusivamente meu, e nem seria uma forma de redenção minha e nem serei egoísta de me paralisar pelo medo de tamanha responsabilidade. Tenho é que me render ao feitiço que de certo fui tomada. O feitiço da capacidade de subversão do poder da militância trans de que o legado de Bruna descende. Enfim aceitei, tornei-me mero instrumento de enunciação de sua força: o livro será feito, como sempre foi a vontade de Bruna.

dissertação da marina: https://244c8980-ae95-484c-993d-75e5deb50ae7.filesusr.com/ugd/4260bb_b330ed8213f24cd594b3ebe5eaf42a97.pdf

conversa

UMA PESSOA ADMIRÁVEL_

a conversa dessa edição é com Juber Pacífico, que conta sua relação com e admiração pela amiga, Bruna Leonardo. assista!



https://www.revistaduascabecas.org/conversa/uma-pessoa-admir%C3%A1vel_

aprendi no coletivo

“COM M MAIÚSCULO” _

O Aprendi no Coletivo dessa vez é com Guilherme Freire, que conta das coisas que aprendeu com Bruna Leonardo enquanto se movimentava entre encontros e lutas.



A primeira vez que eu vi a Bruna em um dos encontros do Coletivo - calada, as mãos cruzadas em cima da perna, atenta, esperando a sua vez de falar - eu não fazia ideia da potência e da força que essa mulher carrega.

Encontro atrás de encontro, ela foi se inteirando das nossas pautas e colocando as nossas pautas. Sempre fazia ideia de convidar todo mundo para as reuniões do Visitrans. Sempre fazia questão de dar um abraço caloroso, uma palavra amigável e aquele sorriso do tamanho do Universo. Que saudade eu tenho desse sorriso, que se alarga ao infinito e te convida para passear na calma avassaladora que só Bruna Leonardo consegue transmitir.

Bruna Leonardo é doçura, mas é força. Uma força incontrolável e intransponível. Ainda bem. Bruna Leonardo é guerreira.

Quando penso na Bruna, uma das primeiras coisas que me vem à lembrança é aquela fatídica foto dela gritando na reunião da Câmara sobre a discussão do Plano Municipal de Educação. Defendendo seus ideais, com garras e unhas. Com gritos. Com resiliência.

Bruna, obrigado por ser tudo isso que você é. Como você gosta de dizer, com todo o orgulho do mundo: uma Mulher trans, Militante. Assim mesmo, com M maiúsculo. Porque, perto da sua grandeza, qualquer um fica um pouquinho miúdo.



texto: guilherme freire, jornalista e ex-integrante.
ilustrações: neilton dos reis, editor.

entre parênteses

TRÊS OU QUATRO NOTAS DE CASA_



A primeira vez que vi Bruna foi na minha casa.

A última também.

Em casas diferentes, mas casas ainda assim. Isto é, aquele lugar que a gente passa o café e conversa na cozinha até a garrafa acabar e depois passa mais café.

Naquela primeira casa a gente ia bastante pra fazer isso. A gente encontrava com a Bruna no piquenique e depois arrastava todo mundo pra lá. Passava café e passava a vida entre afetos.

Nessa última casa a gente foi menos e envolveu mais álcool e viradas de anos.

Ainda assim, casas. Quando falo disso, sempre lembro do álbum do Rubel que tem esse nome. Também devo lembrar da Bruna, enquanto escuto o álbum.

Depois de ler tudo que o que as outras pessoas já escreveram e falaram sobre Bruna, senti que não tinha muito a acrescentar além da experiência individual de ter encontrado com ela. Acho que todo mundo deveria ter a oportunidade desse encontro, aliás. (Mas assunto para outros textos).

Quero aqui falar de casas e como a Bruna me faz sentir em casa.

(A mente forte de um jedi
A cuca fresca de um pinguim
Os olhos virgens de criança
E a flor de uma mulher
- Rubel)

Nota 0: todo mundo deveria poder se sentir em casa. Estou falando de casa que a gente escolhe. De casa que é nosso canto, que canta com a gente. Casa que pode ser casa mesmo. Ou pode ser a rua. Ou pode ser o colégio. Ou pode ser pessoa.

(Agora a gente inventa um dia-a-dia novo
Hoje é pra sua voz ficar cansada e rouca
Hoje não tem pressa, não tem choro, nem esforço
Um dia eu lembro aquele tempo foi bem louco
- Rubel)

Nota 1: existe alguma coisa de quando a gente chega em casa que é um alívio. Aquela sensação de muito tempo fora experimentando outros cheiros, outros tempos, outros ajustes. E aí quando chega tem um lugarzinho. Uma escuta, um toque, um carinho. É sobre isso.

(Só não esquece do olhar de criança
Não esquece de lembrar da lembrança
Não esquece de ser dura e forte
Não esquece de olhar pra marte
Não esquece de fazer tua arte
- Rubel)

Nota 2: a Bruna te abraça, com os olhos, com os braços, com o sorriso.

(Eu quero partilhar
Eu quero partilhar
A vida boa com você
Eu quero partilhar
Eu quero partilhar
A vida boa com você
- Rubel)

Nota 4: todo mundo deveria poder se sentir em casa. Em casa-Bruna.

texto e ilustração: neilton dos reis, editor.